

## OS SEGREDOS DA VIDA REPRODUTIVA: INVESTIGANDO O ABORTO PROVOCADO NO BRASIL

Autora (1): Paloma Silveira; Co-autora (1): Cecília McCallum; Co-autora (2): Greice Menezes

*Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia  
palomasilveira25@gmail.com*

### Resumo

Este trabalho analisa as formas pelas quais a necessidade do segredo apareceu como elemento central no processo de pesquisa sobre o aborto provocado com pessoas de estratos sociais médios do Nordeste brasileiro. Mostramos que a necessidade do segredo é uma imposição oriunda de diferentes lógicas que denominamos como: legal, moral e relacional. Inicialmente, discutimos como esta qualidade múltipla do segredo do aborto decorre da criminalização de sua prática, do atual recrudescimento da condenação moral no Brasil e, também, dos contextos específicos relacionados aos processos biográficos inseridos no contexto sócio-histórico. O próprio processo de pesquisar aborto é marcado pelo efeito destas lógicas imbricadas que produzem a necessidade do segredo. No trabalho, discutimos os elementos metodológicos que tornaram viável a realização da pesquisa em que a construção de uma relação de confiança se mostrou como condição fundamental.

**Palavras-chave:** Aborto provocado, Segredo e Pesquisa.

Pesquisar o aborto provocado e analisar narrativas sobre o tema é revelar camada sobre camada de segredos, cada uma das quais obedece a uma lógica peculiar e marca, de forma cumulativa, as experiências de aborto de mulheres e de homens. Identificamos três esferas às quais estas lógicas estão atreladas, a legal, a moral e a relacional que, em uma perspectiva hermenêutica, correspondem a distintos níveis estruturais: 1) o mais abrangente é aquele das normas estabelecidas na lei para a aplicação do Estado por meio de imposição de força; 2) o mais difuso, mas nem por isto menos poderoso, é a ideologia hegemônica que sanciona e condena o aborto como contrário à moral; e 3) o mais imediato seria aquele que corresponde ao mundo relacional dos indivíduos.

Segundo Simmel, o segredo desempenha um papel funcional na articulação entre o individual e o social: *“a función sociológica del secreto son de naturaleza individual; pero la medida en que las disposiciones y complicaciones de las personalidades forman secretos, depende, al propio tiempo, de la estructura social en que la vida se desenvuelve”* (1939, p. 354). Adotamos esta perspectiva para demonstrar, que as lógicas que sustentam a qualidade múltipla do segredo do aborto existem na medida em que amarram os indivíduos nas teias sociais que vão desde o nível mais abrangente (o estado, a lei, a moral) até o mais restrito (o intersubjetivo e relacional). Assim, as lógicas identificadas decorrem da criminalização da prática do aborto; do atual recrudescimento da sua condenação moral no Brasil; e também dos contextos específicos, relacionados aos processos biográficos dos sujeitos, que só podem ser entendidos como inseridos no contexto sócio-histórico que os engloba.

Ginsburg (1998) aponta que, para compreender as experiências vividas, é fundamental entender o momento temporal em que acontecem. O momento temporal vivido pelas pessoas as coloca em contato com certos discursos e/ou determinadas possibilidades de práticas. A vivência em um determinado contexto sócio-histórico abre possibilidades para as pessoas se relacionarem em circunstâncias, situações e eventos que influenciam, direta ou indiretamente, as maneiras como elas constroem e relatam suas experiências no presente. As experiências exprimem não só aspectos particulares da vida das pessoas, mas, também, os aspectos socioculturais. Assim, enfatiza como as experiências individuais estão condicionadas e estruturadas pelo contexto sociocultural vivido.

O trabalho está dividido em duas partes. Na primeira parte, discutimos as três esferas que impõem o segredo à experiência do aborto, mostrando como esta é uma experiência singular que envolve múltiplas relações sociais. Na segunda, discutimos o processo de pesquisa. Constatamos que a construção de uma relação de confiança, mesmo que breve, é condição fundamental para a revelação do segredo, conseqüentemente, para a realização de pesquisas sobre aborto.

### **AS TRÊS LÓGICAS QUE IMPÕEM O SEGREDO À EXPERIÊNCIA DO ABORTO PROVOCADO: A LEGAL, A MORAL E A RELACIONAL**

No momento em que a pesquisa começou a ser realizada, em maio de 2012, o Estado brasileiro passou a adotar uma postura diferente em relação à prática do aborto. Se antes, como apontam os estudos de Ardaillon (1997) e Rolim (2007), em raros casos, as mulheres que interrompiam a gravidez eram processadas criminalmente, agora, em diversas regiões, as autoridades começaram a processar e condenar mulheres e profissionais de saúde. Entre os casos de mulheres presas por terem realizado aborto noticiados pela mídia, o da clínica de planejamento familiar em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, se tornou emblemático. Em 2007, a clínica foi fechada em seguida à denúncia de realização de abortos clandestinos. Na época, entre os anos de 2007 e 2008, muitos prontuários médicos foram apreendidos, quase mil mulheres foram indiciadas e, destas, vinte e seis foram condenadas a cumprir penas alternativas (TUSSI, 2010). Anos mais tarde, no final de 2013, uma clínica privada que realizava abortos clandestinos no Rio de Janeiro também foi fechada, os médicos foram presos e a notícia foi veiculada na imprensa de forma espetacular: “Polícia desarticula maior rede de abortos do Rio”.

Essa mudança no cenário brasileiro marcou, mesmo que indiretamente, as experiências das pessoas que participaram da pesquisa que realizamos, de maio a dezembro de 2012, com 27 pessoas das camadas médias do nordeste do Brasil, sobre as suas experiências de aborto provocado. A entrevistada Beatriz nos disse:

*Você sabe que a coisa é ilegal, que pode dar problema e aí todo esse processo é sigiloso, você só pode falar do assunto com algumas pessoas, escolhidas a dedo [...] Diante dessas notícias todas que*

*you see it on television, you think that it can happen to you. (Three pregnancies, two abortions: in 2010, at 30 years, and in 2012, at 32 years).*

Apesar da ilegalidade, o aborto provocado é muito praticado na sociedade brasileira. Dados sobre a magnitude do aborto no Brasil indicam que esta prática é tão comum no país que, ao completar 40 anos, mais de uma em cada cinco mulheres já fez aborto (DINIZ; MEDEIROS, 2010). No Brasil, a sua dimensão como problema social e de saúde pública é evocada, particularmente, face ao seu status ilegal, registrando-se elevada frequência de atos inseguros com graves consequências à saúde das mulheres (BRASIL, 2009). O debate sobre o aborto, irremediavelmente, faz emergir a discussão sobre o momento em que se inicia a vida humana, ou seja, indaga-se sobre qual seria o momento exato em que embriões e fetos podem ser considerados seres humanos e pessoas. Neste debate, manifestam-se sujeitos com posições e pontos de vista explicitamente diferentes, tais como representantes das Igrejas Católica e Evangélica e de outras religiões, profissionais da ciência médica e da bioética e representantes dos movimentos feministas.

Existem muitas polêmicas relacionadas a situações em que a prática do aborto pode ocorrer no âmbito da legalidade ou é praticada na ilegalidade, como sucede na grande maioria dos casos. Pode-se dizer que tais polêmicas são alimentadas, principalmente, pelos segmentos religiosos. Em geral, para as religiões, o argumento contrário ao aborto está fundamentado na premissa de que se trata de um ato que elimina um ser humano, contrário ao preceito de inviolabilidade da vida (ALDANA, 2008). Tão forte é o argumento religioso que, mesmo para pessoas que declaram não ter religião, este se apresenta como um aspecto importante na experiência de aborto. Carol relata o quanto “ficou muito mal” com uma fala de um professor sobre o aborto, quando o mesmo evocou o argumento da inviolabilidade da vida:

*There was a professor who was talking, and in truth he said something that at the bottom was what I always thought, that when you do an abortion you are interrupting life. It was initiated already, so you interrupt that human being that would grow there, he will not exist anymore, because there is no possibility of having another one that would be equal to her. He said to me: if my mother had aborted you, you would not be here, I was very bad about what she did. (Two pregnancies, two abortions, both performed in 2008, at 28 years).*

Em estudos epidemiológicos na área da Saúde Pública, o aborto é considerado um tema “sensível” e delicado, de difícil declaração. Esses estudos revelam como as mulheres tendem a omitir o aborto, ora declarando o evento como espontâneo ou mesmo negando a ocorrência da gravidez e a realização da sua interrupção (MENEZES, 2006). Falar sobre a experiência do aborto, uma prática estigmatizada e clandestina, para algumas pessoas, é difícil e pode remeter a lembranças que muitas delas não querem lembrar (BOLTANSKI, 2012). Desta maneira, a experiência de aborto não costuma ser um assunto conversado amplamente, ao contrário, trata-se, em geral, de um segredo restrito a determinadas redes de relações sociais. As pessoas não falam sobre a possibilidade de decisão por um aborto ou mesmo desta experiência com qualquer pessoa. Nossa entrevistada Laura conversou, primeiro com o parceiro e depois apenas com as pessoas que ela sabia que iam compreender a sua decisão pelo aborto:

*Eu tinha várias dúvidas, mas eu não conversava com qualquer pessoa. Falei com ele (namorado), aí você acaba escolhendo as pessoas que podem de alguma forma te ajudar a fazer, te compreender. (Duas gravidezes, um aborto, em 2000, aos 20 anos).*

## **PESQUISANDO O ABORTO PROVOCADO**

Alguns desafios foram encontrados para a realização do estudo e, para enfrentá-los, a pesquisa foi delineada a partir de dois momentos. No primeiro, o “pré-campo”, os aspectos relativos às técnicas utilizadas para a produção de dados e a configuração do trabalho de campo foram definidos. O segundo momento se caracterizou pela (re)definição da logística do campo e o enfrentamento dos “silêncios” relacionados ao tema do aborto provocado, sobretudo, quando este é realizado por pessoas de estratos sociais médios e das muitas barreiras enfrentadas na busca por pessoas dispostas a conversar sobre suas experiências de abortos e a necessidade de respeitar os aspectos éticos envolvidos na investigação do tema.

### **Revelando o segredo do aborto em um contexto de pesquisa**

No total, foram entrevistadas, no período de maio a dezembro de 2012, 20 mulheres e sete homens, incluindo três casais. Entretanto, não foi fácil encontrar essas pessoas, sobretudo, os homens. As hipóteses que podem ser levantadas para explicar tais dificuldades remetem ao medo de falar, ao desejo de não compartilhar um assunto tão íntimo ou mesmo não querer mais falar da experiência vivida. Especificamente quanto aos homens, aliaram-se as dificuldades de interação com uma entrevistadora mulher e também a surpresa de serem instados a falar sobre o aborto. A principal estratégia utilizada foi o acionamento da rede de relações sociais. Posteriormente, foram contatadas pessoas sensíveis ao tema, as chamadas informantes-chaves e alguns participantes indicaram amigas(os) com experiência de aborto e algumas entrevistadas recomendaram os próprios parceiros ou ex-parceiros para participarem da pesquisa.

A constituição de uma relação de confiança, assegurando um espaço onde o segredo do aborto pudesse ser revelado, fazendo com que as pessoas se sentissem seguras e à vontade para falar sobre suas experiências se mostrou fundamental. Alguns artifícios foram utilizados desde os formais, relacionados aos aspectos éticos da Resolução 196/96 que regula as pesquisas com seres humanos no Brasil, aos informais, mas, nem por isto, menos importantes, relacionados ao momento de interação da pesquisadora com as/os participantes. No presente estudo, alguns cuidados éticos foram fundamentais: a proteção do anonimato e o resguardo do uso abusivo do poder na relação entre pesquisador(a) e participantes (SPINK; MENEGON, 2004). Algumas medidas foram adotadas para garantir a confidencialidade dos dados e o anonimato das(os) entrevistadas(os), bem como a proteção das(os) participantes e da pesquisadora.

Outra medida importante foi a escolha do local para realizar a entrevista. Foi fundamental que a entrevista acontecesse em um lugar em que as pessoas se sentissem à vontade e seguras para conversar. Em todos estes lugares, as entrevistas foram realizadas em locais que garantiram a privacidade. Foi solicitada a

permissão da gravação da entrevista e todas(os) concordaram. Autorizada a gravação, as/os participantes escolheram um nome pelo qual foram chamadas(os) durante a gravação, estratégia utilizada para preservar o anonimato. Não foram solicitados dados sociodemográficos ou quaisquer outros capazes de identificar, de alguma maneira, as(os) participantes. Todas as entrevistas foram transcritas pela pesquisadora e quaisquer informações que pudessem identificar as pessoas envolvidas bem como os serviços utilizados foram retiradas ou modificadas. Esta informação também foi dada às/aos participantes. Todas as gravações foram descartadas após a transcrição.

Uma última estratégia foi direcionada ao curso da entrevista. Antes de iniciá-la, foi estabelecida uma conversa sobre assuntos diversos, na tentativa de criar um ambiente com menos tensão e mais confiança. Este artifício foi essencial, pois, na maior parte das entrevistas, conseguiu-se estabelecer uma relação de confiança, mesmo que breve, em que as pessoas se sentiram à vontade para contar suas experiências.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O segredo do aborto não está apenas relacionado a um assunto que é silenciado, mas constitui a própria experiência do aborto, entretanto, como enfatiza Boltanski, analisando estudos sobre aborto nas áreas de antropologia e sociologia, este, em geral, é feito secretamente, contudo, na maioria das vezes, é um “segredo de polichinelo” (2012, p. 212). A prática do aborto é demarcada por zonas de segredo que correspondem a distintas lógicas – legal, moral e relacional – em que são articulados diferentes tipos de relações intersubjetivas da mulher com o parceiro, amigas(os) e/ou familiares e entre esta e pessoas não conhecidas, como os profissionais de saúde. As interações em todas estas zonas se pautam em dinâmicas distintas, em que o imperativo do segredo vai se constituindo, pois não se fala sobre o aborto com qualquer pessoa, mas, ao mesmo tempo, se torna impossível, na medida em que apenas encontros com sujeitos nas zonas mais distantes fazem a resolução da gravidez por meio de um aborto possível.

Mesmo em países onde o aborto é legalizado, este aspecto está presente. Walsh (2009), em estudo realizado no Canadá, onde o aborto é legal, procurou entender o silêncio das mulheres em torno desta prática. A autora constatou que o silêncio ocorre, principalmente, por causa da organização social, que compreende a interrupção de uma gravidez como uma questão moral das pessoas. Apesar da proteção legalmente sancionada de serviços de aborto, as mulheres enfrentam o estigma social que a decisão traz consigo. Segundo Walsh (2009), não importa o quanto as mulheres racionalizam suas interrupções de gravidez para si, se elas estão satisfeitas ou incomodadas com a decisão: elas tendem a manter secretas as suas experiências.

A criminalização da prática do aborto e o atual recrudescimento da condenação moral, no Brasil, tornam o estudo sobre o aborto provocado um grande desafio. A experiência nos mostrou que o estabelecimento de uma relação de confiança é condição fundamental para a realização de pesquisas sobre o

tema, o que requer abertura e criatividade. A construção desta relação exige uma postura ética baseada no compromisso com o outro, em todo o processo de pesquisa. Assim, para realizar pesquisas sobre aborto é preciso construir uma relação de confiança, não estando esta apenas relacionada a uma postura ética formal, mas a uma disponibilidade do(a) pesquisador(a) na interação com as/os participantes.

#### **REFERÊNCIAS:**

ALDANA, M. Vozes católicas no Congresso Nacional: aborto, defesa da vida. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 639-646, maio/ago. 2008.

ARDAILLON, D. Cidadania de corpo inteiro: discursos sobre o aborto em número e gênero. 1997, 184 p. Tese (Doutorado em Sociologia) □ Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

BOLTANSKI, L. As dimensões antropológicas do aborto. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n. 7, p. 205-245, jan./abr. 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. Aborto e saúde pública no Brasil; 20 anos. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 428 p. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

DINIZ, D; MEDEIROS, M. Aborto no Brasil: uma pesquisa domiciliar com técnica de urna. Revista Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 15(Supl. 1), p. 959-966, 2010.

GINSBURG, F. D. Contested lives: the abortion debate in an American community. Berkeley and Los Angeles, California: University of California Press, 1998. 359p.

MENEZES, G. Aborto e juventude: um estudo em três capitais brasileiras. 2006. 186p. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

ROLIM, R. C. Justiça criminal e condição feminina na capital da república em meados do século XX. Sociedade e Estado, Brasília, v. 22, n. 1, p. 97-133, jan./abr. 2007.

SIMMEL, G. El secreto y la sociedad secreta. In: \_\_\_\_\_. Sociologia: estudios sobre las formas de socialización. Buenos Aires: Espasa-Calpe, Argentina, 1939. p. 331-357.

SPINK, M. J. P.; MENEGON, Vera M. A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. In: SPINK, Mary Jane P. (Org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2004. p. 63-92.

TUSSI, F. P. Aborto vivido, aborto pensado: aborto punido? as (inter)faces entre as esferas pública e privada em casos de aborto no Brasil. 2010. 144p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

WALSH, D. Abortion rhetoric: the silence of experience. Canada: Geode Publications, 2009.